



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Um passado árido e empoeirado só estimula a rinite: repensando práticas de leitura e escrita na sala de aula de história
Autor	BRUNO CHEPP DA ROSA
Orientador	NILTON MULLET PEREIRA

Um passado árido e empoeirado só estimula a rinite: repensando práticas de leitura e escrita na sala de aula de história

Autor: Bruno Chepp da Rosa (PIBIC/CNPq-UFRGS)

Orientador: Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação

Há muito se sabe que a instituição escolar, desde o seu nascimento até os dias atuais, configura um espaço privilegiado de reprodução social e cultural. Nas salas de aulas, aprendemos e, por vezes, ensinamos tudo aquilo que nos antecede e tende a nos ultrapassar: um conjunto bastante amplo de conhecimentos, valores, normas, signos e símbolos forjados ao longo do tempo por sucessivas gerações de homens e mulheres. No entanto, como nos chamam a atenção os teóricos e os trabalhos desenvolvidos à luz da Filosofia da Diferença, as funções sociais dessa instituição moderna tendem, na medida em que ela é interpenetrada por uma diversidade de atores e por uma multiplicidade de ideias, crenças e interesses, a se remodelar e a se transformar: afinal, em cada sala de aula, há jovens que compartilham, ou não, vivências, experiências, sonhos e expectativas próprias; que possuem modos peculiares de ser e de estar no mundo; que têm, enfim, maneiras específicas de interpretar e de se relacionar com aquilo que lhes é exterior. Partindo dessas considerações, verifica-se a existência, na atualidade, de práticas de leitura e de escrita entre os jovens que, às vezes escapando do papel exclusivamente representativo ou comunicativo da linguagem, permitem-nos: por um lado, compreender melhor essas culturas juvenis e, por outro, pensar em novas dinâmicas e estratégias pedagógicas que, reconhecendo o potencial daquilo que os alunos leem e escrevem, estimulem, se não a criação de novos leitores e escritores, a constituição de novas práticas efetivas de leitura e de escrita na sala de aula de história.

Mapeando as práticas de leitura e escrita, escolar e extraescolar, da juventude na contemporaneidade, a pesquisa desenvolvida objetiva pensar e investigar as possíveis contribuições que essas outras formas de ler e escrever desenvolvidas pelas culturas juvenis oferecem ao ensino de história, em especial à arte de fabular na sala de aula. Fruto do projeto “Leitura e escrita na sala de aula de História: da prisão da palavra ao labirinto do exterior”, a pesquisa realizada, valendo-se das contribuições da Filosofia da Diferença, contemplando o que Michel Foucault denominou de “pensamento do exterior” e verificando a existência de um “ser da linguagem”, intenta pensar a arte fabulatória, aquelas curtas narrativas que construímos e contamos na sala de aula de história, que sacodem a poeira do passado e deslocam o estudante para um tempo não cronológico, enquanto uma dimensão criadora e produtiva, em que é possível aprender novos conceitos e se divertir aprendendo. Para dar conta desses objetivos, lança-se mão de procedimentos e técnicas quantitativas (enquetes e questionários aplicados a turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, e aos seus professores de história) e qualitativas (entrevistas semiestruturadas realizadas com os docentes) de pesquisa. A análise desses dados, coletados com a colaboração das direções, dos professores e dos alunos de três escolas da região metropolitana de Porto Alegre, tem nos permitido inferir: primeiramente, que as práticas tradicionais de leitura e escrita presentes na sala de aula de história ainda reinam soberanas, tornando, por vezes, cada vez menos acessível a compreensão do passado e a percepção do sentido histórico; em segundo, e mais importante lugar, que os jovens, os rebentos da era da informação, leem e escrevem fora dos muros da escola. Eles pensam, eles imaginam, eles fabulam: leem e escrevem narrativas (desde curtas mensagens e textos publicados nas redes sociais a bem elaboradas *fanfics*) cujo potencial ao ensino de história está por ser sondado e, uma vez comprovado, estimulado.